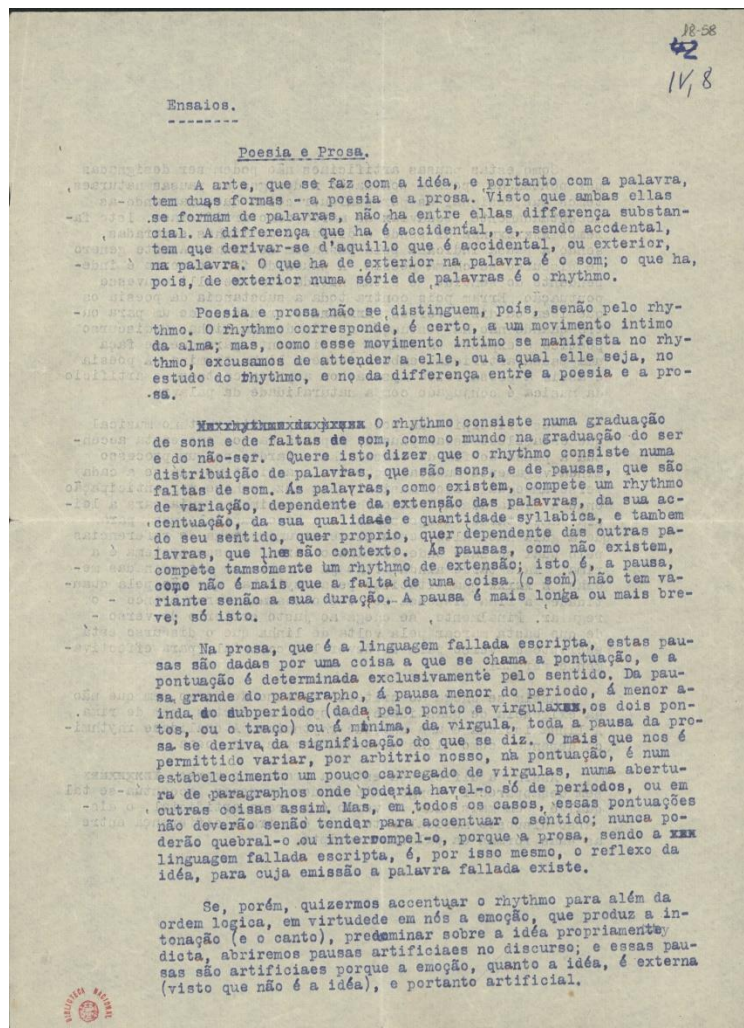




Ensaio.

Poesia e Prosa.

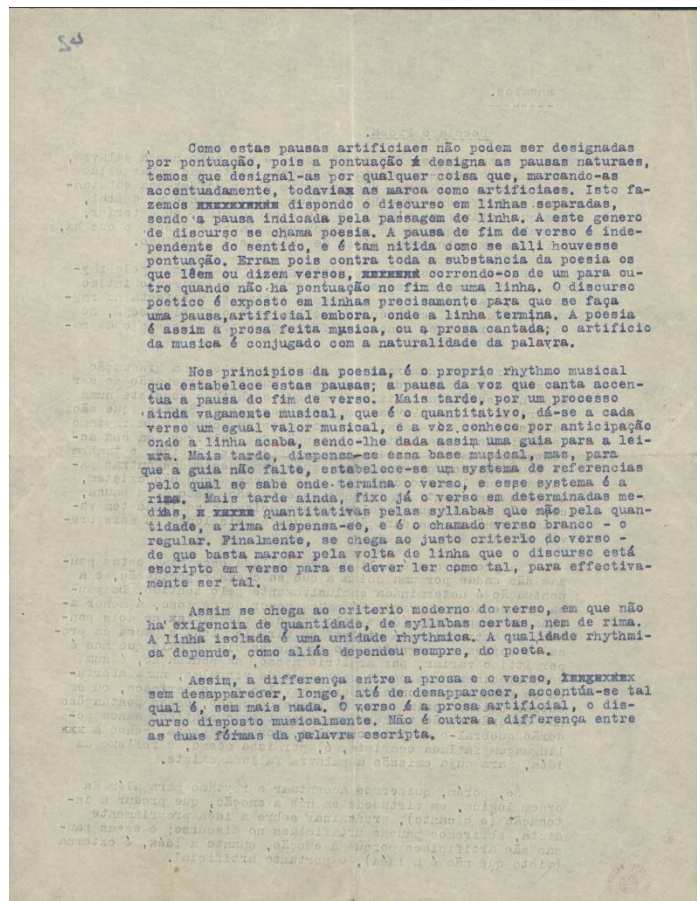
A arte, que se faz com a idéa, e portanto com a palavra, tem duas formas - a poesia e a prosa. Visto que ambas ellas se formam de palavras, não ha entre ellas differença substancial. A differença que ha é accidental, e, sendo accidental, tem que derivar-se d'aquillo que é accidental, ou exterior, na palavra. O que ha de exterior na palavra é o som; o que ha, pois, de exterior numa série de palavras é o rhythmmo.

Poesia e prosa não se distinguem, pois, senão pelo rhythmmo. O rhythmmo corresponde, é certo, a um movimento intimo da alma; mas, como esse movimento intimo se manifesta no rhythmmo, excusamos de attender a elle, ou a qual elle seja, no estudo do rhythmmo, e no da differença entre a poesia e a prosa.

~~No rhythmmo da prosa~~ O rhythmmo consiste numa gradação de sons e de faltas de som, como o mundo na gradação do ser e do não-ser. Quere isto dizer que o rhythmmo consiste numa distribuição de palavras, que são sons, e de pausas, que são faltas de som. Às palavras, como existem, compete um rhythmmo de variação, dependente da extensão das palavras, da sua accentuação, da sua qualidade e quantidade syllabica, e tambem do seu sentido, quer proprio, quer dependente das outras palavras, que lhes são contexto. Às pausas, como não existem, compete tamsomente um rhythmmo de extensão; isto é, a pausa, como não é mais que a falta de uma coisa (o som) não tem variante senão a sua duração. A pausa é mais longa ou mais breve; só isto.

Na prosa, que é a linguagem fallada escripta, estas pausas são dadas por uma coisa a que se chama a pontuação, e a pontuação é determinada exclusivamente pelo sentido. Da pausa grande do paragrapho á pausa menor do periodo, á menor ainda do subperiodo (dada pelo ponto e virgula ~~es~~, os dois pontos, ou o traço) ou á minima, da virgula, toda a pausa da prosa se deriva da significação do que se diz. O mais que nos é permittido variar, por arbitrio nosso, na pontuação, é num estabelecimento um pouco carregado de virgulas, numa abertura de paragraphos onde poderia havel-o só de periodos, ou em outras coisas assim. Mas, em todos os casos, essas pontuações não deverão senão tender para accentuar o sentido; nunca poderão quebral-o ou interrompel-o, porque a prosa, sendo a ~~ve~~ linguagem fallada escripta, é, por isso mesmo, o reflexo da idéa, para cuja emissão a palavra fallada existe.

Se, porém, quizermos accentuar o rhythmmo para além da ordem logica, em virtude de em nós a emoção, que produz a entonação (e o canto), predominar sobre a idéa propriamente dicta, abriremos pausas artificiaes no discurso; e essas pausas são artificiaes porque a emoção, quanto á idéa, é externa (visto que não é a idéa), e portanto artificial.



Como estas pausas artificiaes não podem ser designadas por pontuação, pois a pontuação é designa as pausas naturaes, temos que designal-as por qualquer coisa que, marcando-as accentuadamente, todavia as marca como artificiaes. Isto fazemos ~~escrevendo~~ dispondo o discurso em linhas separadas, sendo a pausa indicada pela passagem de linha. A este genero de discurso se chama poesia. A pausa de fim de verso é independente do sentido, e é tam nitida como se alli houvesse pontuação. Erram pois contra toda a substancia da poesia os que lêem ou dizem versos, ~~correndo~~ correndo-os de um para outro quando não ha pontuação no fim de uma linha. O discurso poetico é exposto em linhas precisamente para que se faça uma pausa, artificial embora, onde a linha termina. A poesia é assim a prosa feita musica, ou a prosa cantada; o artificio da musica é conjugado com a naturalidade da palavra.

Nos principios da poesia, é o proprio rhythmmo musical que estabelece estas pausas; a pausa da voz que canta accentua a pausa do fim de verso. Mais tarde, por um processo ainda vagamente musical, que é o quantitativo, dá-se a cada verso um igual valor musical, e a voz conhece por anticipação onde a linha acaba, sendo-lhe dada assim uma guia para a leitura. Mais tarde, dispensa-se essa base musical, mas, para que a guia não falte, estabelece-se um systema de referencias pelo qual se sabe onde termina o verso, e esse systema é a rima. Mais tarde ainda, fixo já o verso em determinadas medidas, e ~~o verso~~ quantitativas pelas syllabas que não pela quantidade, a rima dispensa-se, é o chamado verso branco - o regular. Finalmente, se chega ao justo criterio do verso - de que basta marcar pela volta de linha que o discurso está escripto em verso para se dever ler como tal, para effectivamente ser tal.

Assim se chega ao criterio moderno do verso, em que não ha exigencia de quantidade, de syllabas certas, nem de rima. A linha isolada é uma unidade rhythmica. A qualidade rhythmica depende, como aliás dependeu sempre, do poeta.

Assim, a differença entre a prosa e o verso, ~~longe de~~ sem desaparecer, longe, até de desaparecer, accentúa-se tal qual é, sem mais nada. O verso é a prosa artificial, o discurso disposto musicalmente. Não é outra a differença entre as duas fórmias da palavra escripta.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).